

Experiências dos primeiros tempos

As primeiras companheiras de Chiara nos contam

As pessoas nos viam felizes

Em janeiro de 1985, algumas gen 4 perguntaram a Dori, uma das primeiras companheiras de Chiara: «Querida Dori, (...) nós sabemos que a muitos, muitos anos atrás, você junto com Chiara e as suas primeiras companheiras ajudavam as pessoas que passavam necessidades. O povo de Trento dizia que vocês eram como os primeiros cristãos. Já que somos gen 4 e queremos viver como vocês, poderia nos contar algo sobre isso? »

E Dori respondeu assim:

«Sim, nós, aquele pequeno grupo de jovens ao redor de Chiara em Trento nos amávamos muitíssimo, muito mais do que se fôssemos irmãs.

Tínhamos dado ou vendido tudo o que não precisávamos diretamente para dar aos pobres, até mesmo a caneta-tinteiro, até o espelhinho de bolsa ou alguns anéis. Até mesmo se tivéssemos apenas uma pera, a dividíamos em dois ou três pedaços.

Os alarmes constantes nos alertavam sobre o perigo dos bombardeios e nos obrigavam a passar horas e horas nos abrigos.



Lá ficávamos num canto, de pé ou sentadas no chão, escutando Chiara nos falar sobre Jesus, sobre os primeiros cristãos ou lendo para nós uma pequena página do Evangelho. As pessoas nos viam felizes e não entendiam como podíamos estar tão contentes mesmo passando tantas horas ali dentro, sem nada para comer, no frio e na umidade.

Às vezes, quando tínhamos um pedaço de pão e algum biscoito, oferecíamos a quem estava próximo, convidando também outros a unirem-se a nós e continuávamos a falar das descobertas feitas no Evangelho, do amor de Jesus por todos, também por Madalena que era uma pecadora, ou por Zaqueu que enganava as pessoas, ou por Judas que o traiu.

Estávamos fascinadas por Jesus e por suas palavras e falávamos com Ele com tanto entusiasmo que quem estava perto de nós queria que continuássemos falando mais. Havia também alguém que não entendia o que dizíamos e zombava de nós, então o amávamos ainda mais, lhe deixávamos o lugar mais confortável ou lhe oferecíamos a coisa mais bela ou mais gostosa que tínhamos conosco e ele não dizia mais nada.

Em casa, na rua, na escola, a nossa alegria era contagiosa e se alguém estivesse triste, sabíamos o segredo para consolá-lo: bastava amar. Claro que para amar era preciso esquecer de que se estava cansada, ou de talvez ter um joelho machucado, ou uma dor de dente e sorrir para os outros e ajudá-los. Mas isso aumentava ainda mais a nossa alegria e o outro se sentia consolado e perguntava: “Como você faz para ser assim tão feliz?” “Nós descobrimos o amor – respondíamos – e, quando amamos, Jesus está entre nós: o Amor. Ele é a nossa felicidade”.

E continuávamos: “E a tua felicidade também! Se você quiser, vem com a gente!”

Assim, a cada dia, tínhamos uma jovencinha ou uma senhora nova para apresentar a Chiara e às outras e o nosso número crescia».



Havia um grande amor entre todos

Giosi também estava em Trento naquele pequeno grupo de jovens ao redor de Chiara a muitos, muitos anos atrás.

“Quem sabe quantas coisas Giosi lembra daquele tempo!” - Nós pensamos. E assim fomos até sua casa pedir que ela nos contasse algo.

«Quando tínhamos que fugir para os abrigos subterrâneos, porque os aviões bombardeavam a cidade, eu não ia para o abrigo mais próximo, mas atravessava correndo toda a cidade apenas para ir ao abrigo onde estavam Chiara e as suas companheiras.

Junto a Chiara, de fato, ficávamos em um canto e líamos a história de Jesus. As palavras do Evangelho eram todas muito lindas, mas as mais belas para nós eram aquelas que Jesus havia dito na última noite antes de morrer: “Amai-vos como eu vos amei!”

Jesus nos ama tanto que nos deu tudo, tudo, tudo, até mesmo morreu por nós. Assim nós queríamos fazer também.

Se uma de nós via um pobre na rua, parava e logo lhe perguntava: “Você precisa de alguma coisa?”

Se estava com fome, o convidávamos para ir à casa e dividíamos o almoço com ele.

Uma vez um pobre nos disse:

“Eu preciso tanto de um par de sapatos, você vê como o meu está acabado?”

Nós perguntamos que número ele calçava, onde morava e lhe prometemos: “Nós levaremos o sapato, verá que conseguiremos!”

Mas na casinha onde morávamos com Chiara não havia sapatos de homem.

Então fomos numa igreja próxima e pedimos a Jesus: “Nós te pedimos um par de sapatos número 42, para Você que está naquele pobre!”

Saindo da igreja veio ao nosso encontro uma amiga nossa e disse: “Por acaso você precisa desse sapato?”



E adivinhem: eram justamente sapatos de homem do tamanho exato: número 42!



Vocês podem imaginar a nossa felicidade e a daquele pobre quando levamos o sapato para ele.

E aconteceram muitos e muitos fatos assim.

Um dia houve um bombardeio e muita gente ficou sem casa, sem roupa, sem nada.

Uma jovem veio bater à nossa porta: “Precisamos urgentemente de roupas para essas pessoas que não têm nada”.

Chiara entrou no nosso quartinho, pegou um lençol, estendeu-o no chão e colocou em cima dele tudo o que ainda tínhamos, fazendo uma pequena pilha. Depois, pegou as roupas uma a uma, deu para cada um apenas aquilo de que precisava e todo o resto, amarrado no lençol, entregou para aquela jovem dar aos pobres.

Havíamos dado tudo o que tínhamos em casa. Mas vocês sabem o que acontecia? O nosso corredor se enchia de sacos de farinha e de batata, nos traziam ovos, verdura, roupas, sapatos, remédios...coisas que naquele tempo de guerra eram difíceis de encontrar.



E vocês sabem quem nos dava essas coisas?

Eram as pessoas de Trento que haviam começado a amar como nós. Assim, quanto mais dávamos, mais coisas Deus fazia chegar, para que nós pudéssemos dar ainda mais!

Até quem era pobre amava e queria ajudar.

Como a vovó Cesira. Nós íamos visitá-la porque era sozinha e lhe dávamos dinheiro porque era pobre. Mas um dia ela veio até nós dizendo: “Vejam, percebi que se eu tiver cuidado, se economizar, no fim do mês consigo também doar isto”. E cheia de alegria nos entregou uma moedinha para dá-la a quem tivesse mais necessidade que ela.

Havia um grande amor entre todos. Muitas pessoas de Trento, ao nos ver, diziam: “Como se amam! São como os primeiros cristãos”».

Estava feliz! Ninguém nunca tinha lhe dado tanto dinheiro!

Outra vez, Dori nos contou:

«Todos os dias eu ia até Chiara e ela me explicava muitas coisas. Principalmente que aquele grande Amor que eu havia descoberto – Deus -, também

estava entre nós, se nos amávamos como Jesus queria. Depois me ensinou a amar sempre, muito, muito, cada pessoa que conhecia ou encontrava, começando pela minha mãe, pelo meu pai, depois minhas amigas, os vizinhos de casa, todos..., mas sobretudo aqueles que sofriam. Sentíamos que éramos amadas por Deus. Éramos felizes e queríamos doar este grande amor, a nossa felicidade de ter um Pai que nos amava sempre, que não nos abandonava nunca.

Assim, contei minha felicidade primeiro à minha amiga do coração: e ela também ficou feliz e começou a participar comigo dos encontros para as juvenzinhas, para saber mais (ainda não havia as gen 4, mas eram como as gen 4).

Falar dessas coisas belas, porém, era até fácil, mas amar os outros como Jesus queria era mais difícil. Então comecei a ajudar minhas colegas de escola a fazer as tarefas mais difíceis, a explicar para elas os problemas de aritmética, e procurava fazer isso com amor. Elas ficavam contentes e me perguntavam como eu fazia para ser assim tão boa e estudiosa.



Então eu contava a elas o meu segredo: tinha entendido que Deus era amor e me amava. Contava como Deus revelava o Seu amor: de tantos modos...

Assim minhas amiguinhas também começavam a se sentir amadas por Deus e ficavam felizes.

Por exemplo, numa certa manhã, na escola, uma colega minha não tinha merenda e eu dei a minha para ela. Quando cheguei em casa, encontrei uma grande torta que tinham nos presenteado.

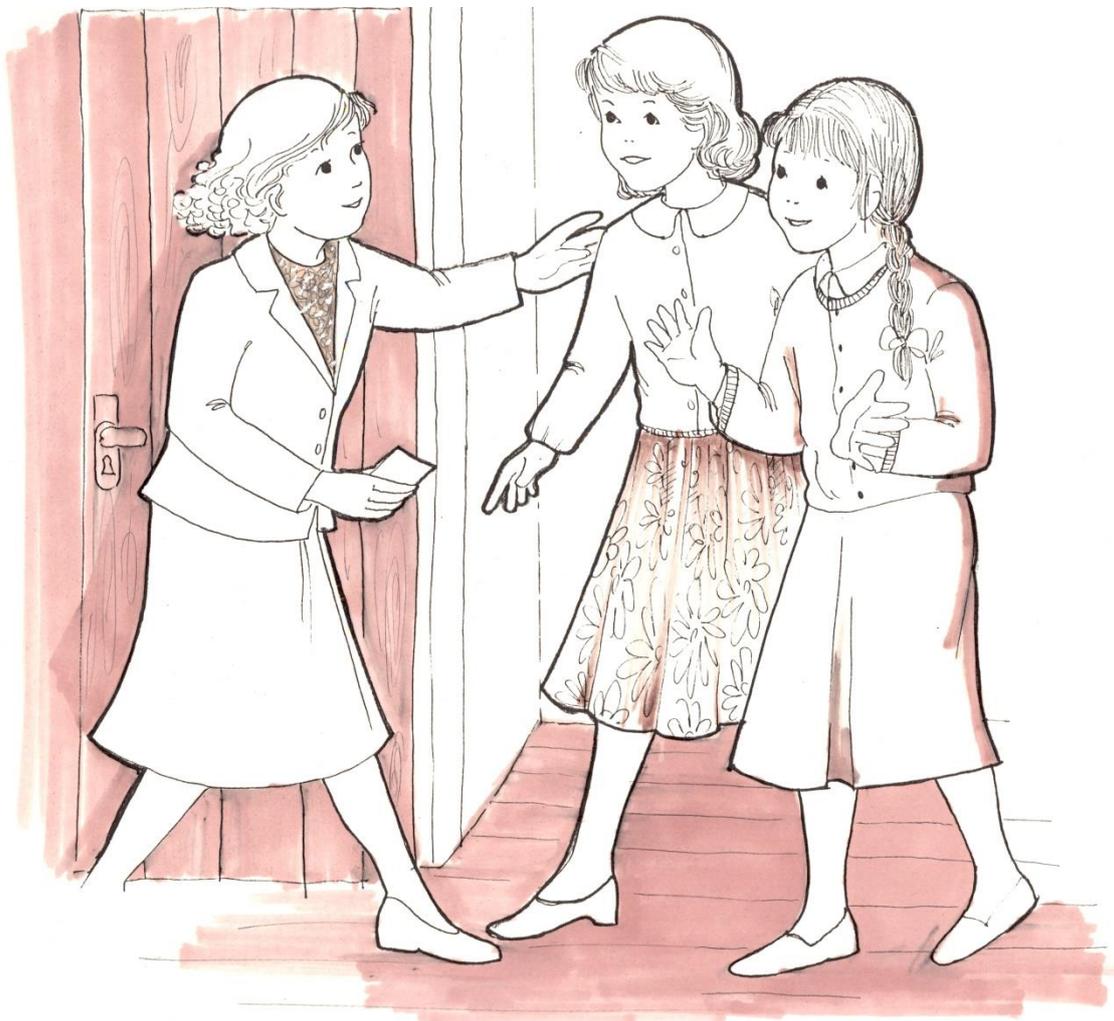
Outra vez estava no focolare com Chiara. Bateram à porta. Era uma pobrezinha que pedia dinheiro porque não tinha como pagar o aluguel da casa.



Chiara entrou no quarto, disse àquela senhora que esperasse um momento e me chamou perto dela. Abriu uma gaveta onde havia o dinheiro para comprar a comida... tínhamos somente aquela quantia. Chiara me disse: “Vamos rezar juntas!” Ela dizia a oração e eu repetia. Dizia: “Jesus, você está nessa mulher que me pede ajuda: nós lhe damos todo o nosso dinheiro, porque sabemos que você é Amor e pensa em nós!”.

Depois saiu e deu todo o dinheiro para aquela senhora pobre, que ficou feliz, porque ninguém nunca lhe tinha dado tanto dinheiro de uma só vez!

Mas nós estávamos mais felizes que ela, porque tínhamos amado Jesus nela.



Pouco depois Natália chegou correndo do escritório e nos disse que tinha recebido dinheiro a mais no salário e pensou que talvez Chiara precisasse logo dele: era o dobro do que tínhamos dado para aquela pobre mulher!

Ficamos muito felizes, agradecemos a Jesus e dissemos: “Você nos dá sempre mais do que aquilo que nós doamos!”».

Era Jesus que se escondia neles

Aletta, uma outra companheira de Chiara, também nos conta algo:

«Na praça dos Capuchinhos, Chiara nos contava muitas coisas: ela as tirava do Evangelho.

No Evangelho Jesus disse: “Tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber; estive preso e me visitaste (...) Qualquer coisa que tiverdes feito a estes pequeninos – pequeninos quer dizer pobres – fizeste a mim”.

Por isso Chiara dizia: “Nós começamos a amar Jesus nos pobres porque ali temos certeza de encontrá-lo, ele disse: estou ali, onde há fome, onde há um doente, onde há alguém que chora...eu estou ali. Se vocês o consolam, consolam a mim”.

Assim começamos a amar os pobres e ir até seus casebres que eram casas semidestruídas ou feitas de papelão.

Depois andávamos pelas ruas onde encontrávamos os pobres, mas sempre víamos Jesus neles: nós encontrávamos Jesus, até mesmo naquelas pessoas talvez sujas, despenteadas, malvestidas. Era Jesus que se escondia nelas...



Então Chiara, por exemplo, tirava as luvas e dava a quem pedia esmola debaixo de neve... porque fazia frio em Trento!

Um dia eu estava com Angelella (outra das primeiras companheiras de Chiara). Fomos visitar uma senhora pobre: era inverno, estava nevando e fazia muito frio.

Entramos num quarto frio, gélido, porque não havia aquecimento: era uma casa muito pobre. Ali havia uma velhinha vestindo uma camisa de homem: era tão pobre que não tinha nem uma camisola. Estava toda despenteada...



Angelella lançou-se sobre essa pobre senhora e a abraçou com todo o coração. Depois virou-se para mim e disse: “É Jesus!”.

Digo a vocês que no rosto de Angelella eu quase vi, se alguém pode dizer assim, o rosto de Jesus!

Ela tinha verdadeiramente abraçado Jesus e estava feliz, radiante, e também aquela pobre estava radiante!».